

O marcador EM na elaboração das representações temporais

The EM marker in the elaboration of temporal representations

Elizabeth Rocha¹
Universidade Federal do Piauí

RESUMO: A preposição EM é invariavelmente ligada ao valor de tempo. Encontramo-lo em todas as classificações das gramáticas tradicionais. Todavia, os trabalhos classificatórios que versam sobre a preposição enquanto introdutor de complementos temporais parecem ser insuficientes para dar conta das múltiplas flutuações cotextuais, bem como da identidade semântica do marcador em foco. Neste trabalho, considerando-se o domínio semântico da construção do *tempo* na enunciação linguística, visamos a descrever a variação cotextual da preposição EM, quer dizer, precisar quais as representações temporais implicadas nos diversos cenários enunciativos aos quais esse marcador se integra, e, para, além disso, propor uma hipótese de sua invariância de sentido, quer dizer, determinar os princípios organizadores que presidem a elaboração de tais representações.

PALAVRAS-CHAVE: Preposição EM. Tempo. Identidade Semântica.

ABSTRACT: The preposition EM is invariably linked to the time value. We find it in all classifications of traditional grammars. However, the classificatory works that deal with the preposition as an introducer of temporal complements seem to be insufficient to account for the multiple cotextual fluctuations, as well as the semantic identity of the marker in focus. In this work, considering the semantic domain of the construction of time in linguistic enunciation, we aim to describe the cotextual variation of the preposition EM, that is, to specify which temporal representations are involved in the different enunciative scenarios to which this marker is integrated, and, to furthermore, to propose a hypothesis of its meaning invariance, that is, to determine the organizing principles that preside over the elaboration of such representations.

KEYWORDS: Preposition EM. Time. Semantic Identity.

Introdução

Nesta seção, expomos sucintamente os princípios teórico-metodológicos sobre o qual nos apoiamos e, na sequência, procedemos à análise de alguns enunciados que baseará nossos resultados.

A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (doravante TOPE) se destaca como uma teoria essencialmente sensível à questão da variação e da invariância semântica das formas linguísticas. É exatamente essa problemática que está no cerne do vasto programa de pesquisa proposto por seu idealizador Antoine Culioli:

¹Doutora em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e Adolescência pela Universidade Federal de São Paulo. E-mail: bethroccha@gmail.com

A análise de um marcador (entendido não no sentido de uma etiqueta, mas de marcador de operação ou eventualmente de polioperação) deve resultar numa representação formal com características estáveis e controladas. A partir dessa representação formal, que eu chamo de forma esquemática², constituem-se formas suplementares que são, na verdade, deformações da forma de base. A questão é a de compreender a organização desses dispositivos deformáveis (CULIOLI, 1990, p. 115-116)³.

Essa citação traz conceitos fundamentais para nossa discussão aqui. Primeiro, o conceito de marcador, que preferimos ao de preposição. De fato, “preposição” remete a uma definição de ordem puramente morfológica e sintática o que impede que formas, evidentemente, semelhantes do ponto de vista do seu funcionamento semântico, como a preposição EM e o prefixo EN, sejam tratadas conjuntamente. Por outro lado, o conceito de marcador implica uma mudança de atitude teórica frente ao fenômeno da linguagem. Isso porque *marcador* exclui qualquer ideia de significação mental ou referencial da qual a forma linguística seria o suporte, uma vez que nos leva a considerar os itens da língua, que se agenciam a outros itens na formação de um enunciado, como traços de operações às quais não se tem acesso por observação direta, mas que podem ser formalizados por meio do tratamento metalinguístico desses mesmos itens. Em segundo lugar, o texto de Culioli mobiliza a ideia de uma forma abstrata de base, das quais as formas linguísticas empíricas seriam deformações materializadas na dinâmica intersubjetiva de produção e reconhecimento de enunciados. Este segundo ponto remete explicitamente ao problema da descrição da multiplicidade cotextual e da determinação da unidade de sentido subjacente a essa multiplicidade. A descrição dessa multiplicidade levanta o problema de saber por que certo marcador remete a operações específicas, com exclusão de outras, ou seja, por que constrói tais e tais representações e não diversamente. Assim sendo, TOPE se distancia criticamente de outras perspectivas linguísticas, a respeito das quais se encontram, nos próprios trabalhos de Culioli, menções restritivas, com referência tanto ao mero descritivismo classificatório das abordagens gramaticais, quanto ao que o autor designa como “reducionismo” da semântica cognitiva (1999b, p. 18 e p. 23).

As línguas, explica Culioli, com seus enunciados ou textos, orais ou escritos, fornecem o material empírico sobre o qual o linguista trabalha, ou seja, os instrumentos de descrição linguística são forjados a partir da observação minuciosa da organização específica de cada uma das línguas. Os textos das diversas línguas são, nesse sentido, como lembram Franckel e Paillard (2011, p. 97) os “únicos dados sobre os quais a análise pode se estabelecer (incluindo as manifestações prosódicas e entonacionais), com exceção de qualquer outro elemento que não fosse marcado”, o que significa dizer que o sentido das unidades não é preexistente, mas constrói-se nos enunciados. É a partir dessa atualização cotextual que os itens se deixam apreender e analisar como traços da atividade de linguagem, a qual é inacessível à observação direta. Conforme esclarece Romero, *texto*, na terminologia culioliana:

(...) lido como *enunciado*, se refere a agenciamentos de marcadores em que se estabelece um arranjo de formas não qualquer (isto é, o *agenciamento*) e traços de operações cognitivas (isto é, o *marcador*, que abarca, inclusive, mudanças na prosódia, na entonação, etc. (ROMERO, 2017, p.124, *grifos do autor*)

² Nos desenvolvimentos atuais da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, *forma esquemática* não é um conceito utilizado para descrever o funcionamento enunciativo de unidades categorizadas como preposição. Nesse caso, fala-se apenas em *identidade semântica*. Ver Romero (2011) e Vilela (2016) a respeito dessa questão.

³ Todas as traduções são de nossa responsabilidade. Quando não o são, consta da referência bibliográfica o nome do tradutor.

Portanto, reiteramos, dizer que se apreende a linguagem através das línguas significa que o linguista deve se debruçar analiticamente sobre os textos por meio de princípios teóricos e procedimentos metodológicos específicos a fim de proceder a uma formalização metalinguística dos esquemas operatórios subjacentes aos diversos funcionamentos cotextuais. Tal formalização tem por papel simular as operações de ordem da linguagem, definida como uma atividade constituída de um fluxo de operações que conduzem à construção de sentido, operações às quais não temos diretamente acesso, mas que podem ser reformuladas em termos de metalinguagem a partir da análise dos textos fornecidos pelas diferentes línguas como traços dessas operações.

Vale, por fim, frisar que, no que se refere à metodologia, por ser uma teoria que observa e manipula dados empíricos, busca-se, na TOPE, constituir uma classe de fenômenos linguísticos por famílias de enunciados em relação parafrástica a fim de formular problemas locais efetuando, para maior controle analítico, a redução dos enunciados a uma família restrita, constituída, neste trabalho, pela integração do sintagma *chegar em* com marcas temporais que respondem à pergunta formulada com *Quando?* Pretendemos que as soluções avançadas para os problemas aí surgidos possam ser alçadas ao nível do generalizável, isto é, que possam se estender a outros grupos de enunciados.

1.2 Fundamentos de análise das preposições na TOPE

O programa de pesquisa concebido por Culioli, que inclui pesquisadores de diversas línguas, em vários países, já produziu um número considerável de pesquisas, em especial sobre os itens preposicionais, como ilustram os trabalhos sobre as preposições em francês empreendidos por Franckel e Paillard (2007) e Ashino, Franckel e Paillard (2017), bem como trabalhos sobre as preposições em língua portuguesa desenvolvidos por Romero (2011, 2013) e Vilela (2016). Esses trabalhos são o resultado de pesquisas, que, de forma abrangente, estudam as preposições a partir do quadro teórico da TOPE, tendo como foco, principalmente, o jogo entre variação cotextual e invariância semântica.

Nessas obras, a preposição é definida como um relator, cuja materialização enunciativa se deixa formular conforme o esquema de relação **X R(prep.) Y**. Esse esquema relacional retoma um operador básico de localização ou orientação (*répérage*) calcado sobre o princípio de que nenhum item da língua se encontra isolado, mas sempre integrado, de modo que o sentido enunciativo é o resultado de um pôr em relação de unidades da língua, de tal forma que, nessa relação, uma unidade é fonte de determinação para outra. Dessa forma, considerando-se o esquema preposicional **X R(prep.), Y**, assume a função de localizador (*repère*) e X a de termo localizado (*reperé*), ou seja, o esquema constitui uma relação não simétrica em que Y assume a função de localizador de X, dessa forma Y é fonte de determinação de X (FRANCKEL, PAILLARD, 2007, p. 13). Assim esquematizada, a análise da preposição implica saber o que ela põe em relação (identificação de X e Y) e que tipo de relação é estabelecido. Quanto ao primeiro ponto, os autores não deixam de notar que se a identificação de Y não traz problema, correspondendo ao termo que segue a preposição, o mesmo não se pode afirmar de X, em, por exemplo, um enunciado como *Atirou no coelho*. X, neste caso, não corresponde ao termo que antecede a preposição, como afirmaria a gramática tradicional, mas reenvia a um termo não presente no enunciado, que seria o projétil lançado em direção ao alvo, tornado visível no exemplo *Mesmo depois de já tê-lo matado, atirou duas balas no coelho* (FRANCKEL, PAILLARD, 2007, p. 30).

Isso posto, as análises a seguir intencionam a partir da observação atenta da variação cotextual do marcador EM, na qual se operam localizações diversas de um

objeto/ser no tempo, tentar uma conjectura razoável que formule a identidade semântica desse marcador.

2 Estudos analíticos: representações temporais

Nesta seção começamos o trabalho de análise do marcador EM, concentrando-nos no papel de tal marcador relativamente à construção de representações temporais. Trata-se, portanto, de detalhar as diversas representações do tempo passíveis de serem elaboradas por esse item, e de avançar uma hipótese de formulação da sua invariância de sentido, ao estabelecer os princípios formais que explicam a (im)possibilidade das representações manifestadas na multiplicidade das ocorrências nesse domínio.

Nas análises desenvolvidas, a seguir, boa parte dos enunciados são exemplos próprios e outros são oriundos da web e que são identificados em nota conforme a sua origem.

(01a) Torcedores ansiavam pelo gol tricolor que só chegou no segundo tempo.

(01b) O gol chegou aos 16 minutos quando um dos laterais resolveu aparecer como elemento surpresa no ataque.⁴

Nos dois enunciados, localiza-se o evento da marcação do gol em um ponto de tempo determinado (respectivamente, *segundo tempo* e *16 minutos*) de uma partida de futebol, introduzidos, respectivamente, pelas preposições EM e A, de tal forma que a permutação das preposições parece improvável (**O gol chegou ao segundo tempo* e **O gol chegou nos 16 minutos*). A impossibilidade da concorrência entre as preposições parece ter a ver com o estatuto de ambas as marcas temporais introduzidas, e que se deixa apreender pela relação que guardam com os outros pontos temporais da classe em que se inserem. No caso de (01a), EM faz com que *segundo tempo* se oponha a *primeiro tempo* (constitutivos os dois da duração de uma partida de futebol) ao puxar para período *segundo tempo* a realização do gol. *Primeiro tempo*, portanto, está presente *in absentia*, na construção que tem *segundo tempo* como centro da localização temporal, ou seja, configura-se como alteridade mantida ou classe de instantes convocada, mas repelida, em favor do marco temporal introduzido enquanto momento próprio de validação da localização. A introdução de um localizador temporal pelo marcador EM, portanto, implica uma diferenciação desse localizador relativamente aos outros instantes da sucessão da qual faz parte. No enunciado (01a), o marcador EM parece constituir *segundo tempo* como um intervalo de tempo fechado, para cujo interior a realização do gol é atraída, intervalo construído na vizinhança de outros intervalos (*primeiro tempo*), que não são, mas poderiam ser o caso. Por outro lado, o uso do marcador A parece “pinçar” e destacar um dos pontos (*16 minutos*) que constituem a sucessão temporal de 90 minutos correspondente a uma partida de futebol. Nesse caso, o uso do marcador A não implica uma oposição de *16 minutos* à classe de instantes (*14, 15, 17 minutos*), que, assim, não é convocada – trata-se de uma alteridade eliminada. A operação efetuada com EM – atração para um intervalo de tempo oposto a outros componentes da classe de instantes – não se permite realizar com o A, e a operação que este marcador efetua – pinçamento e destaque de uma unidade, com anulação de outras unidades da classe de instantes – não se realiza com EM, como mostra a impossibilidade da concorrência entre as preposições. Se retomarmos os enunciados analisados, podemos glosar (01a) como segue: *O gol somente veio no segundo tempo, depois de um primeiro tempo sem grandes emoções*. Uma glosa semelhante parece não ser possível no caso de (01b): (?) *O gol só veio aos 16 minutos*,

⁴Extraído de: <http://globoesporte.globo.com/jogo/brasileirao2010/.../ceara-goias.html>. Acesso em 17/04/2019.

com o avanço do lateral, depois dos 15 minutos, quando o lateral estava no campo de defesa.

A distinção que acabamos de apontar é muito importante para determinar a identidade semântica do marcador EM, uma vez que não basta dizer, que EM indica ponto no tempo já que outras preposições – como A, conforme visto – também constroem o valor de pontualidade temporal.

Essa distinção só é possível graças ao confronto de ambas as marcas preposicionais. Assim, à primeira vista, EM, nas localizações temporais, parece convocar a classe de instantes do marco temporal que introduz tal alteridade levada em conta enquanto oposição que diferencia Y (termo orientador) como polo atrator da localização de X (termo orientado). Isso contrasta com a operação de localização temporal efetuada com o marcador A, a qual ressalta e identifica, como exclusiva, a unidade de tempo que introduz, sem oposição à classe de instantes, eliminada enquanto alteridade nula.

(02a) A mercadoria chega em quatro horas.

(02b) A mercadoria chega às quatro horas.

O enunciado (02a) não deve ser interpretado como se a homogeneização de Y (*quatro horas*) fosse operada pela sua redução ao ponto preciso ao qual corresponde o evento que marca X (*a chegada da mercadoria*). Ou seja, o enunciado não necessariamente significa que uma quantidade exata (nem mais, nem menos) se torna uma zona homogênea à qual se reporta a chegada da mercadoria, como se para além de quatro horas não houvesse nada⁵. Em outras palavras, muito embora X (*a chegada da mercadoria*) possa ocorrer exatamente em quatro horas, não se exclui que também possa ocorrer um pouco antes ou um pouco depois, mas não muito antes nem muito depois, de quatro horas: um pequeno adiantamento ou um pequeno atraso são, aqui, admissíveis. Sendo assim, o enunciado deve ser analisado como se Y (*quatro horas*) fosse uma zona cujos pontos são redutíveis a quatro horas considerado parâmetro da localização temporal, de maneira que, qualquer que seja o tempo da chegada da mercadoria, ela é relativa a essa quantidade de tempo. A duração, portanto, é envolvida pela órbita do intervalo central *quatro horas*⁶. Dessa maneira, no enunciado (02a), o marcador EM, obrigatoriamente, faz de *quatro horas* um instante central, para o qual é atraída a realização do evento, e em cuja órbita cabem instantes próximos (quatro horas e meia, por exemplo), que constituem ocorrências passíveis de atualizar a localização temporal. Dessa órbita, são repelidos os instantes longínquos (dez horas, por exemplo) e que, logo, não se afiguram como ocorrências em se possa operar a localização. Ou seja, (02a) significa que X (*a chegada da mercadoria*) deve acontecer *em torno* do intervalo de quatro horas.

A redução de Y (*quatro horas*) a um ponto preciso ao qual corresponde o evento que marca X cabe, antes, no enunciado (02b). De fato, neste, Y – *quatro horas* – assinala um momento distinguido, que desconsidera os outros momentos que perfazem o período cronológico de vinte e quatro horas. Em outras palavras, a preposição A, fazendo de *quatro horas* um instante pontual, separa-o em relação a outros instantes da sucessão: *a mercadoria chega às quatro horas, e não às três, nem às cinco*. Dessa forma, em (02b), falar *às 4 horas* é fazer referência a esse instante sem convocar nenhum outro instante da classe. Observe-se, nesse sentido, que (02b) se deixa combinar com a expressão “em ponto” – marca por excelência da representação pontual exclusiva do tempo – (A

⁵ Essa é a análise feita por Franckel e Paillard (2007, p. 164) do enunciado *Il parte dans combien de temps? Dans 10 minutes. (Ele parte em quanto tempo? Em dez minutos)*

⁶ Essa é análise feita por Franckel e Paillard (2007, p. 164) do enunciado *Ça doit durer dans les 10mn (Isso deve durar 10 minutos)*.

mercadoria chega às quatro horas em ponto), o mesmo não sendo possível com (02a) (**A mercadoria chega em quatro horas em ponto*).

A comparação do enunciado (01a) – *O gol só chegou no segundo tempo* – com o enunciado (02a) – *A mercadoria chega em quatro horas* –, parece, agora, bastante instrutiva relativamente ao funcionamento de EM. É possível caracterizar o intervalo de tempo introduzido no primeiro como um intervalo fechado, que se constitui de limites precisos (início e fim), dentro do qual se localiza o evento determinado. Isso quer dizer que a realização do gol não aconteceu 1) nem antes do segundo tempo, ou seja, no primeiro tempo (mas poderia ter acontecido, e, aqui, *primeiro tempo* configura-se como alteridade mantida para a diferenciação de segundo tempo enquanto marco temporal próprio da localização do evento); 2) nem depois do segundo tempo, ou seja, finda a partida (nem poderia ter acontecido, e aqui, *depois do segundo tempo*, configura-se como complementar⁷). Por outro lado, o intervalo de tempo introduzido no enunciado *A mercadoria chega em quatro horas* pode ser descrito como um intervalo aberto, ou seja, constituído de limites não completamente definidos, mas que também não são quaisquer, já que não se exclui que a chegada da mercadoria aconteça em intervalo menor ou maior que quatro horas, porém, necessariamente, pouco menor ou maior (a variação para mais ou para menos deve ter como parâmetro o intervalo central), jamais muito menor ou muito maior, que, neste caso, constituem-se em zonas de ocorrências inaceitáveis como validação da localização temporal.

(03a) Seu filho chega segunda-feira.

(03b) Seu filho chega na segunda-feira.

Nossa hipótese de que a operação de localização temporal operada com EM se descreve por um vetor tendencial que atrai o evento determinado para o intervalo de tempo (aberto ou fechado) introduzido, diferenciado relativamente aos instantes vizinhos de uma classe que EM convoca, pode ser reforçada não somente pela comparação desse marcador com o marcador A, mas também pela sua comparação com construções diretas (sem preposição).

De fato, o enunciado (03a) parece exprimir um raciocínio que identifica um item (*segunda-feira*) como localizador temporal sem que sejam considerados os outros itens que constituem os dias da semana: nessa operação de localização temporal, *segunda-feira* não é um item entre outros, mas o único item, sem alteridade convocada, a marcar a realização do evento. Por sua vez, no enunciado (03b) – *Seu filho chega na segunda-feira* –, o agenciamento do marcador EM com *segunda-feira* constrói uma determinação temporal que localiza o evento (*a chegada do filho*) no interior de certo dia da semana (*segunda-feira*), diferenciando-o por oposição às outras unidades da série semanal. Observe-se, nesse sentido, que os enunciados em que há convocação explícita de marcas temporais concorrentes são construídos com o marcador EM: *É na segunda, não na quarta que ele chega*, no qual a construção direta parece não funcionar muito bem. Isso ocorre graças à característica relacional própria do marcador EM, o qual opera um vetor tendencial que puxa para o intervalo temporal introduzido (*segunda-feira*, no caso) a localização do evento, ao mesmo tempo em que repele outros intervalos constitutivos da classe de dias da semana como localizadores do evento. EM, assim, constrói não uma identificação exclusiva do intervalo localizador, isento de alteridade, como parece ocorrer nas construções diretas, mas uma diferenciação relativa desse intervalo, em oposição a uma alteridade subentendida.

⁷ “Quer dizer, aquelas [zonas] de ocorrências que não podem ser identificadas com um centro, em qualquer medida ou de qualquer maneira que seja” (CULIOLI, 1990, p. 97).

O confronto entre construção direta e preposicionada (com EM) se esclarece ainda mais com os seguintes exemplos:

- (04a) Em um dia, chegaram todos os membros da família.
 (04b) Um dia, chegaram todos os membros da família.

Os enunciados não dizem a mesma coisa. Com efeito, em (04a), *um dia* é representado como período de vinte quatro horas, para o interior do qual EM atrai e localiza o evento expresso (*a chegada dos membros da família*). Isso ocorre pelo contraste desse período com outros períodos menores (*Em uma hora*, por exemplo) ou maiores (*Em dois dias*, por exemplo) para marcar melhor a força de atração exercida pelo período introduzido como marco de localização temporal. Já em (04b), *um dia* é representado como um dia qualquer sem que seja subentendida sua comparação com outros dias. A falta de especificação (*qualquer*), aliás, torna essa comparação perfeitamente inoperante, já que se trata de um dia como todos os outros, portanto indiscerníveis de outros, tornando-se supérflua toda diferenciação.

As análises até aqui efetuadas, que comparam o marcador EM com o marcador A e com as construções não preposicionadas, parecem justificar a hipótese de que EM, ao operar a localização temporal, necessariamente convoca a classe de instantes da qual a unidade temporal introduzida faz parte, discernindo esta unidade – relativamente às outras unidades de tempo da sucessão pressuposta – como dotada de uma força de atração que localiza em si (intervalo fechado) ou em torno de si (intervalo aberto) o evento determinado. Portanto, ao atrair o termo determinado para a zona temporal determinante, o marcador EM constrói uma alteridade – os outros instantes da classe –, que é convocada enquanto conjunto de valores de localização concorrentes que são repelidos em favor do marco temporal central introduzido.

Os enunciados temporais construídos com EM, dessa maneira, diferem dos agenciados com o marcador A e daqueles sem preposição, os quais operam, antes, a extração de uma unidade temporal, identificando-a exclusivamente, sem referência a outras unidades constituintes da série temporal. A consideração dos seguintes enunciados nos leva uma vez mais à proposição dessa hipótese.

- (05a) A encomenda chega no dia combinado.
 (05b) *A encomenda chega ao dia combinado.
 (05c) *A encomenda chega dia combinado

O termo *combinado* remete a uma ideia de comparação entre duas ou mais coisas. Nesse caso, a comparação se dá entre o marco temporal agenciado no enunciado e outros marcos da mesma classe, os quais comparecem no raciocínio como um *outro* subentendido negativamente enquanto zona de localização rejeitada, a fim de reforçar o termo que se acordou para localizar o evento. O enunciado pressupõe o consenso de que a chegada da encomenda ocorrerá em determinado dia, estabelecido por acordo, para o qual EM atrai a realização do evento, e não em outro qualquer, que EM convoca para repelir. Parece ser por causa desse sentido que o enunciado se deixa construir com o marcador em questão, mas não com A e tampouco sem preposição.

Retomemos, agora, algumas conclusões tiradas da análise do enunciado (02a) – *A mercadoria chega em quatro horas* – nas quais afirmávamos que, neste caso, EM, atraindo o evento localizado para o marco temporal introduzido, estrutura este como um intervalo aberto que serve de parâmetro para a localização. Assim, ocorre a delimitação

de um complementar⁸ – os instantes distantes de *quatro horas* – e a construção de possíveis⁹ – os instantes próximos de *quatro horas*. Essas mesmas conclusões vêm à tona na comparação dos enunciados seguintes:

(06a) A encomenda chega em dois dias.

(06b) A encomenda chega daqui (a) dois dias.

Comparado com (06b), o enunciado (06a) exprime certa imprecisão porque coloca Y – *dois dias* – como quantidade de tempo que simplesmente norteia a localização temporal da realização de X – *a chegada da encomenda* –, e em relação à qual outras possibilidades são consideradas: X (*a chegada da encomenda*) pode ocorrer horas antes ou horas depois – mas não muito antes, nem muito depois – do período de quarenta e oito horas, equivalente a dois dias. O termo *dois dias* tem, no enunciado em questão, uma exatidão relativa, na medida em que, estruturado como centro organizador, constrói uma órbita de validação da localização temporal. Diferentemente, em (06b), somos levados a interpretar a quantidade de tempo (*dois dias*) como dotada de maior exatidão, ou seja, quer-se dizer que X (*a chegada da encomenda*) deve ocorrer no final do intervalo indicado, sem margem de variação. Daí o estranhamento de um enunciado como **Ele chega daqui em dois dias*.

(07) Em poucos segundos você já está a uns cinco metros do chão.

Perguntar-se-á qual seria o final de um intervalo de poucos segundos, já que há nele uma indeterminação quantitativa, o que faz com que tenha seus limites não claramente identificados, ainda que não sejam quaisquer. Em verdade, bem interpretado, o intervalo (*poucos segundos*), expresso no enunciado, não tem limites precisos, mas aproximativos, funcionando, mais precisamente, como centro organizador que orienta a localização do evento. Nesse sentido, é dotado de uma órbita de possíveis em que se encontram ocorrências diversas que podem validar a localização da realização do evento, de tal maneira que este deve ocorrer em torno de um intervalo de tempo, certo indefinido, mas não arbitrário, necessariamente breve, porém nem demais nem de menos. A construção dos possíveis e a delimitação do complementar, nesses casos, vão depender do estatuto do termo determinado. Comparem-se, nesse sentido, *Em alguns minutos, o marcador de 2x0 passou para 2x2* e *Em alguns minutos, escreveu a carta*. Certas quantidades de tempo, razoáveis na determinação quantitativa da localização temporal do primeiro enunciado, não o seriam no segundo, e vice-versa.

A consideração desses últimos enunciados parece levar à hipótese de que o marcador EM, considerando-se o sintagma *chegar em*, é mais apto a introduzir temporalidades abreviadas que temporalidades alargadas. Algumas análises, de fato, apontam para isso, como vemos abaixo.

(07a) A vitória vai chegar em poucos anos.

(07b) (?) A vitória vai chegar em muitos anos.

Os enunciados manifestam que EM se combina mais comumente com marcadores que encurtam a duração temporal, como é o caso não apenas de *pouco e breve*, mas também de *alguns, algumas* ou ainda *curto*, entre outros. Ao mesmo tempo, funciona

⁸ Vide nota 6.

⁹ “Quer dizer, ocorrências que, em alguma medida e de alguma maneira podem ser identificadas com um centro” (CULIOLI, 1990, p. 97).

menos frequentemente com marcadores que dilatam a duração temporal. De fato, com uma simples pesquisa no buscador Google, faz-se notável que EM se combina de preferência com quantidades pequenas de tempo, já que tal pesquisa fornece 44.200 resultados para a expressão *Chega em segundos*, 20.800 para *Chega em minutos*. Os resultados para expressões que combinam EM com durações maiores na série cronológica (*Chega em horas, em dias, em semanas, em meses*) caem drasticamente, registrando-se em torno de 10 ocorrências. Ou seja, conforme se avança na série cronológica, os exemplos construídos com *chegar em* diminuem. Que se verifique a maior ocorrência de durações curtas introduzidas por EM e, logo, se afirme que esse marcador seja mais propício a introduzir o tempo em sua forma abreviada, não significa que EM não se combine com grandes intervalos de tempo, apenas que esta última combinação é muito menos frequente.

Essas poucas observações se harmonizam com as conclusões do trabalho de Leeman e Vaguer (2016) sobre a preposição francesa EN – traduzida, em alguns casos, por EM –, a qual, segundo as autoras, é dotada de um valor aspectual perfectivo que “mostra uma orientação para o menos” (LEEMAN, VAGUER, 2016). De maneira mais detalhada, esse aspecto da francesa EN pode ser confirmado, como mostram as autoras, nas construções internas em que a preposição tem por complemento um grupo nominal dotado de um determinante. Sem retomar todo o trabalho analítico das autoras, selecionamos apenas dois tipos de casos considerados. Primeiro:

Os exemplos e os modificadores atestados (...) todos os enunciados dizem “le peu de temps”, e a maior parte dos exemplos são do tipo *en moins de (de cinq minutes) (em menos de (cinco minutos))*, mas não se encontra *en plus de* (em mais de); (LEEMAN, VAGUER, 2016, p. 410, *grifos dos autores*)¹⁰

Ora, vimos acima que também a preposição portuguesa EM, assim como ocorre com a preposição francesa EN relativamente aos “exemplos e modificadores atestados”, se se agencia comumente com o sintagma *menos de (em menos de cinco minutos)* – e que traduz a expressão francesa *en moins de* – raramente se encontra em combinação com *em mais de* (equivalente à francesa *en plus de*), pelo menos no caso do sintagma *chegar em*.

Agora destacamos o segundo caso tratado por Leeman e Vaguer:

A seleção dos determinantes no sintagma; o enunciado seguinte ilustra de maneira particularmente notável a relação de *quelques (alguns)* com a instantaneidade, oposta à relação de *plusieurs (vários)* com a lentidão e a progressividade (*Le début typique d'un AVC est soudain, le tableau clinique étant complété en quelques minutes. D'ailleurs, il peut s'agir d'une installation progressive en plusieurs heures, voire jours*) (*O começo típico de um AVC se dá subitamente, o quadro clínico se completando em alguns minutos. Aliás, pode se tratar de uma instalação progressiva em várias horas, mesmo dias*). (LEEMAN, VAGUER, 2016, p. 410, *grifos dos autores*)

Neste caso – “seleção dos determinantes do sintagma” – as autoras apontam para a diferença considerável, no buscador Google, do número de ocorrências da sequência *quelques heures* e da sequência *en plusieurs heures*: 33 500 000 para a primeira – *en quelques heures* – e 6 460 000 para a segunda – *en plusieurs heures*. Levando em conta

¹⁰ As autoras afirmam que a combinação *en plus de* existe, mas que ela implica certas coerções. Por exemplo, diz-se mais naturalmente *Balthazar a fait ses devoirs en moins d'un quart d'heure (Baltazar fez seu dever de casa em menos de 15 minutos)* que *Balthazar a fait ses devoirs en plus d'un quart d'heure (Baltazar fez seu dever de casa em mais de 15 de quinze minutos)*. Para que *en plus de* soe natural, é preciso que se situe o evento em questão: *Alors que d'habitude il s'en débarrassait en cinq minutes, aujourd'hui Balthazar a fait ses devoirs en plus d'un quart d'heure (Embora habitualmente ele se livre disso em cinco minutos, hoje Baltazar fez seu dever de casa em mais de quinze minutos)*.

os equivalentes em português, encontramos 625.000 resultados para *em algumas horas* (equivalente de *en quelques heures*) e 64.100 resultados para *em várias horas* (equivalente de *en plusieurs heures*), o que indica, mais uma vez, que EM se combina mais comumente com períodos curtos e instantâneos do que com períodos longos e progressivos.

3 Considerações sobre o marcador em na elaboração das representações temporais

Levando em conta as análises acima de enunciados em que se agenciam o sintagma *chegar em* com determinações temporais, podemos avançar ao menos duas conclusões. Primeiro, o marcador EM opera a determinação temporal de um evento (X) atraindo-o para o domínio do intervalo fechado que introduz (Y), no interior do qual (X) se localiza. Com a operação de atração de (X) para (Y), o marcador EM diferencia (Y) relativamente à classe de instantes em que (Y) se insere, e que EM convoca enquanto alteridade constituída de valores repelidos como passíveis de validar a localização. Segundo, o marcador EM, pode também operar a localização do evento (X) em torno (na proximidade anterior e posterior, não muito antes, nem muito depois) do intervalo aberto introduzido (Y), cuja duração pode ser especificada (por um numeral) ou indefinida, mas não qualquer, a qual, neste último caso, remete frequentemente a uma forma abreviada de tempo. Assim, o marcador EM estrutura o marco temporal que introduz (Y) como parâmetro ou centro, cuja órbita envolve as ocorrências passíveis de atualizar a localização temporal de (X).

Ora, pode-se afirmar que a construção dessas representações do tempo é regida por princípios organizadores apreensíveis e descritíveis por meio do que nomeamos de *propriedade ímã* do marcador EM. Dessa forma, a propriedade ímã opera um vetor tendencial que se opera pelo marcador EM, no domínio das representações temporais, construindo-se uma relação tal entre o termo determinado (X) e termo determinante (Y), que, por meio desse vetor, a zona temporal (Y) puxa (X) para localizá-lo em si (dentro de Y, intervalo fechado), ou em torno de si (na órbita de Y, intervalo aberto).

Isso posto, pode-se propor uma formalização topológica do domínio nocional em que se opera a localização temporal de um termo efetuada com o sintagma *chegar em*. O domínio, neste caso, divide-se em zonas I(nterior) e E(xterior). No I(nterior) do domínio cabe o conjunto de representações temporais construídas por EM, quais sejam, **1**) intervalo fechado (Y) para o qual EM atrai o evento (X) e dentro do qual o localiza, e **2**) intervalo aberto quantificado ou indeterminado (geralmente breve) (Y), estruturado como centro em torno do qual EM localiza o evento orientado (X). No E(xterior) cabe a classe de instantes – nos quais (Y) se insere – que o marcador EM convoca enquanto alteridade repelida que conjuga as ocorrências não passíveis de validar a localização temporal de (X). Essa divisão ocorre graças à propriedade ímã, constitutiva da identidade semântica do marcador EM, a qual expressa uma dinâmica relacional que faz com que, através do vetor tendencial construído pelo marcador, o termo determinante (Y) puxe para si o termo determinado (X), ao mesmo tempo em que diferencia (Y) relativamente à classe de instantes subetendida e repulsada. O quadro abaixo ilustra essa formalização.

Quadro 1: Domínio da localização temporal operada com *chegar em*

Interior do domínio	Exterior do domínio
<p>Intervalo fechado ou ponto no tempo (<i>chegar na segunda-feira, chegar na mesma tarde</i>)</p> <p>Intervalo aberto, quantificado ou indeterminado, geralmente breve (= em torno de, pouco antes ou pouco depois): (<i>chegar em dois dias, chegar em minutos</i>)</p>	<p>Classes de instantes convocada enquanto alteridade repelida: <i>outro dia ou período.</i></p> <p>Classe de instantes convocada enquanto complementar: <i>muito antes ou muito depois</i></p>

Fonte: produção do autor

REFERÊNCIAS

ASHINO, F.; FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. *Prépositions et rection verbale étude des prépositions: avec, contre, em, par, parmi, pour*. Peter Lang AG International Academic Publishers, 2017.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation tome 1. Opérations et représentations*. Paris: Ophrys, 1990.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation tome 2. Formalisation et opérations*. Paris: Ophrys, 1999a.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation tome 3. Domaine notionnel*. Paris: Ophrys, 1999b.

DE VOGUÉ, S.; FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011.

FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. *Grammaire des prépositions*. T.1. Paris: Ophrys, 2007.

LEEMAN, Danielle; VAGUER, Céline. *La préposition peut-elle être prédicative? Le cas de la préposition en*. 2016. *Verbum* (Presses Universitaires de Nancy), Université de Nancy II, 2014, XXXVI, pp. 397-420.

ROMERO, M. *Le fonctionnement sémantique de la préposition POR en portugais brésilien*. *Faits de Langues, Les Cahiers*, Paris: Ophrys, n. 3, p. 209-232, 2011.

ROMERO, M. *Processos enunciativos e identidade semântica da preposição POR*. *Cadernos do IL*. Porto Alegre, n° 46, p.149-170, 2013.

ROMERO, M. *Léxico, invariância y actividad de lenguaje*. In. GARCÍA-MOLINS, A. L., JIMÉNEZ, D. J. (Ed.). *Enacción y léxico*. Valencia: Tirant Humanidades, 2017.



ROMERO, M.; VILELA, T. R. O uso interproposicional de POR em uma descrição unitária de funcionamento da preposição. In. DIAS, L. F. *et alli* (orgs.) *Enunciação e materialidade linguística*. BH: Ed. UFMG, 2015.

VILELA, T. R. Educação léxico-gramatical: um estudo semântico-enunciativo da preposição COM. *Dissertação (Mestrado)*. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo (2016), 190 p.

VILELA, T. R.; ROCHA, E. G. L. Um breve panorama: descrição e abordagem metodológica de preposições no português brasileiro. *Revista Estudos Linguísticos GEL*. v. 46. n.

Recebido em: abril de 2021.

Aprovado em: junho de 2021.

Como citar este trabalho:

ROCHA, E. O marcador EM na elaboração das representações temporais. **Traços de Linguagem**. v. 5, n. 1, p. 25-36, 2021.
